

UMA NOVA DIDÁCTICA DA GEOGRAFIA

SÉRGIO CLAUDINO¹

Xosé Manuel Souto González contraria a dicotomia frequente entre a teorização do processo educativo e as preocupações de índole mais prática, como decorre da sua *Didáctica da Geografia*².

Com cerca de 400 páginas de poucas gravuras e quadros, este livro privilegia as preocupações metodológicas, rompendo abertamente com a tradição anglo-saxónica. Os seus quinze capítulos apontam para uma proposta, única e coerente, que começa pelo diagnóstico da situação actual e termina na definição dos caminhos que devem ser trilhados pelo ensino da Geografia no virar do século.

Souto González aborda a realidade educativa de Espanha, onde enquadra a evolução do ensino da Geografia desde os anos 50/60. A atenção aos textos oficiais constitui uma constante em toda a obra: investigador de rupturas, Souto empenha-se também na construção de *pontes*, valorizando os aspectos positivos do funcionamento do sistema educativo, com a consciência de que a inovação educativa é, sempre, um percurso, lento, de reconstrução. No entanto, o autor denuncia a forma como os objectivos educativos definidos à escala nacional são progressivamente deturpados pelas legislações regionais e pelos manuais escolares, o que nos alerta para a importância decisiva dos factores de inércia no ensino.

Souto González confere uma importância fundamental à motivação dos alunos, grupo muito heterogéneo em consequência da massificação do acesso ao sistema de ensino e sobre o qual pouco se conhece quanto à forma como constrói o conhecimento. Também os professores estão no centro das suas atenções, contrariando a frequente e incorrecta desvalorização do seu papel; são considerados o principal elo de continuidade do sistema educativo (o mesmo é dizer, também o principal elemento de resistência à mudança), pelo que é valorizada a necessidade de compreender as suas percepções e expectativas.

Ao identificar *Os Elementos de uma Didáctica da Geografia para o Século XXI*, o autor defende o valor formativo da educação geográfica, entendida como o processo de

¹ Investigador do Centro de Estudos Geográficos. Assistente de Geografia da Universidade de Lisboa. (Endereço do CEG no início do volume). E-mail: sclaudino@fc.ul.pt.

² SOUTO GONZÁLEZ, X. M. (1998) – *Didáctica de la Geografía: Problemas Sociales y Conocimiento del Medio*. Ediciones del Serbal, Barcelona.

reconstrução das opiniões dos alunos sobre o espaço, tendente à reflexão crítica e posterior tomada de decisões. Souto González propõe, então, o que constitui um dos aspectos mais inovadores do seu discurso: o conteúdo programático não é a informação a ser veiculada mas, sim, o conjunto dos conceitos e das actividades que possibilitam a resolução de um problema social relevante.

Considerando que o saber escolar constitui uma situação intermédia entre o conhecimento científico e o banal, aponta para um percurso metodológico de inspiração construtivista, em que as aprendizagens significativas dos alunos são aquelas em que estes relacionam os dados ensinados com os seus esquemas conceptuais anteriores, provocando uma situação de satisfação pessoal que induz a uma atitude positiva perante o esforço escolar. Souto González distancia-se da leitura piagetiana da aprendizagem, que supõe fases, graduais e relativamente uniformes para todos os alunos, com desvalorização das diversidades de aprendizagens e de contextos. Assim, aprender significa estabelecer redes de relações estruturadas, para as quais é preciso dominar uma linguagem, uma comunicação específica. A metodologia didáctica tem como referência a metodologia científica, mas parte não só da organização dos conteúdos como das dificuldades dos alunos em aprender a argumentar, com desenvolvimento de um trabalho planificado sobre metas desenhadas previamente, com a ajuda de métodos e técnicas concretos. Souto considera que o mais relevante não são as estratégias, apoiadas em técnicas específicas (conjunto de acções que conduzem a um resultado concreto), ou, mesmo, o método adoptado em cada caso, mas a sua coerência com a metodologia adoptada na unidade didáctica. Nesta, identifica três fases fundamentais:

- análise das ideias espontâneas dos alunos e definição do problema escolar a ser estudado;
- conceptualização, ou seja, generalização de situação concretas e relações entre conceitos, com identificação de hipóteses de resolução do problema definido na primeira parte;
- apresentação dos resultados, depois de validadas as hipóteses colocadas.

O autor realça a importância dos guiões de trabalho, entendidos como planos da unidade didáctica – recusa, assim, quer as perspectivas magistercentristas, quer as pedocentristas, e propõe-nos um processo de ensino-aprendizagem em que o aluno é agente da sua própria aprendizagem, mas sob a orientação e o apoio efectivo do professor. Este tem um papel fundamental na aprendizagem das técnicas de expressão cartográfica, estatística e verbal pelos alunos, ou seja, na apropriação das regras e convenções formais de comunicação que lhes permitam transmitir publicamente as suas aprendizagens – o que vai definir o *bom aluno*. Souto lembra que a aprendizagem daquelas técnicas constitui uma das vertentes formativas do ensino da Geografia e sistematiza as que os alunos devem desenvolver, nos diferentes grupos etários, quer para a compreensão da informação recebida, quer para a formulação de um método de trabalho, quer, ainda, para apresentação de resultados em diversos tipos de linguagens.

O autor procede a uma sempre útil e necessária diferenciação entre os conceitos de avaliação e classificação. Defende que a avaliação, considerada parte integrante e

coerente do currículo, tem por finalidade a melhoria de acções futuras e considera que os exames, enquanto *avaliação externa* das disciplinas, devem contemplar os supostos metodológicos da aprendizagem geográfica, através da resolução de problemas. Critica a formulação tradicional de perguntas, por não permitir valorizar a competência do aluno de comunicar os resultados da aprendizagem. À semelhança do que sucede ao longo do livro, no capítulo da avaliação o autor repete conceitos e proposições que não serão, em si mesmos, inovadores, mas nos quais é importante insistir.

Ao contrário, reveste-se de alguma originalidade a proposta de Souto González de valorização dos cadernos diários dos alunos, em coerência com a sua visão da avaliação como elemento enraizado nas actividades curriculares daqueles. O autor, alerta-nos, igualmente, para a importância de uma avaliação reflexiva dos professores sobre as suas práticas, a partir de um diário por estes redigido quotidianamente.

Na sistematização das aprendizagens geográficas, organizada por grandes grupos etários, Souto propõe-nos um currículo sequencializado segundo o grau de dificuldade dos processos explicativos de abordagem dos problemas sociais e ambientais. Antes, identifica o que considera ser os princípios e actividades estruturantes do ensino da Geografia, que vão suportar os processos de raciocínio: a percepção (fundamental numa metodologia construtivista), a escala (entendida numa acepção muito mais rica que a mera definição de relações de grandeza), a distribuição e a localização (que supõe a explicação dos factores de distribuição), a distância (absoluta ou relativa), a interacção entre o meio físico e a acção antrópica (que se pretende conceptualizada), o tempo histórico e as relações sociais (explicativos dos projectos territoriais) e, por fim, as estruturas e os sistemas territoriais (que configuram uma região).

Souto concretiza, então, a sua proposta curricular para o ensino de Geografia, naquela que será, talvez, a parte mais interessante do livro. Assim, dos 3 aos 7 anos, as crianças deverão ser mobilizadas para a observação e representação do espaço quotidiano, desenvolvendo o autor diversas propostas de trabalho. Esta é uma área de formação particularmente importante mas, igualmente, muito pouco explorada pelos geógrafos, pelo que o contributo de Souto se poderá revestir de particular utilidade. No ensino dos 8 aos 11 anos, é-nos sugerida a valorização dos problemas da relação homem-meio, inserida num estudo mais vasto de conhecimento do meio. Aposta-se em actividades de ensino experimental que incluam medições que levem ao relacionamento das variáveis tempo e espaço (como as de temperatura) e ao intercâmbio de resultados entre escolas; os alunos deverão ainda explorar as imagens veiculadas pela comunicação social e, que, na realidade, já integrarão o que lhes é *próximo*; o autor defende, também, o reconhecimento dos interesses individuais e colectivos nos projectos de organização do território – com o que introduz, assim, preocupações que vão ser desenvolvidas no ciclo posterior.

Para os alunos dos 12 aos 16 anos, Souto propõe a selecção de casos-estudo relacionados com problemas sócio-espaciais, a partir da respectiva experiência concreta; numa fase inicial, procede-se ao levantamento das ideias prévias, sendo depois definidos problemas e comprovadas hipóteses e, por fim, os alunos fazem uma síntese e apresentação de resultados. Em relação aos jovens de 16-18 anos, para quem a disciplina de

Geografia é opcional, é valorizada a leitura do mundo actual e uma aproximação metodológica vizinha de uma Geografia Regional marcada pela preocupação de uma leitura integrada dos fenómenos. Uma vez mais, o autor avança com propostas alternativas às abordagens tradicionais, baseadas na sua própria experiência. O enunciado temático tradicional dá lugar à preocupação pela identificação de percepções prévias dos alunos, à valorização dos aspectos políticos e dos elementos dinâmicos da evolução regional.

Para Souto, a investigação constitui o grande desafio para a Didáctica da Geografia à entrada do século XXI, mas apressa-se a reconhecer as enormes dificuldades em implementar. Insiste na importância da reflexão dos professores, quer sobre os conteúdos universitários, quer sobre a forma como os alunos aprendem, reconhecendo ser esta uma posição de *contra-corrente* em que não se reconhecem vários dos mesmos. No que respeita ao papel formativo da Geografia, defende que o desafio colocado à disciplina é o da construção de uma ética intercultural e da formação de cidadãos críticos.

Alguns aspectos dos últimos capítulos foram desenvolvidos de forma mais apressada, o que o autor poderá corrigir em próxima edição; na mesma ocasião, Souto poderá destacar do texto algumas ideias e conceitos fundamentais discretamente presentes no meio de frases e que poderão escapar a quem opte por uma leitura mais apressada. Referimo-nos a novas edições deste livro porque cremos que, apesar da constante preocupação de Souto em se reportar à situação espanhola, o interesse deste compêndio excede, em muito, a de um livro centrado numa determinada realidade nacional: as realidades educativas do país vizinho não são muito distantes das de outros (como as de Portugal) e a riqueza das reflexões e propostas avançadas pelo autor têm um interesse quase universal. Refira-se, ainda, que se este é um livro que vai *contra a corrente*, no plano estritamente metodológico, também o é do ponto de vista ideológico: Souto González assume inequivocamente a defesa de um ensino de uma Geografia apostada na denúncia de problemas sociais significativos e que se assuma como espaço de ideais e, de alguma forma, de contra-poder. A publicação deste livro surge claramente como a concretização e a consolidação de um projecto de educação geográfica (ou de *Geografia escolar*, como o autor prefere designar) pacientemente construído para o ensino da Geografia. Em qualquer caso, a *Didáctica da Geografia* de Xosé Souto González não é, seguramente, o coroar de uma obra mas um marco numa carreira.